

O GOLPE E A ROUBALHEIRA DE PEDRO PARENTE

Em entrevista recente ao Broadcast, canal de notícias do Estadão voltado para o mercado financeiro, o presidente da Petrobrás vestiu a carapuça de golpista e assumiu publicamente que se incomoda com o rótulo. Defendeu a legitimidade do cargo que ocupa, a despeito de ter sido uma indicação política cujo preço foi a ruptura da democracia. Para justificar, alegou que é recebido “com deferência” em suas viagens internacionais e que ninguém trata a situação do país como golpe.

Não foi bem isso que aconteceu recentemente na China, durante a reunião do G-20, onde **Temer e sua comitiva foram completamente ignorados**. O nome dele não foi sequer citado na relação dos chefes de Estado que participaram da reunião.

A legitimidade que Pedro Parente tenta dar ao golpe é a mesma que utiliza para **privatizar a Petrobrás aos pedaços**, alegando ser a única saída para a crise que atravessa. A estratégia é colocar-se diante da sociedade e dos trabalhadores como o salvador, aquele que vai “consertar a empresa dos problemas que esse pessoal, que hoje fica falando de golpe, criou ao indicar a minoria que promoveu a roubalheira contra a Petrobras”, como declarou na entrevista ao Estadão.

Ao contrário do que ele afirma, a empresa vinha sendo saqueada há muitos anos, sem que nada fosse feito, apesar das **constantes denúncias das organizações sindicais**. Há décadas, lutamos contra o sistema de gestão autoritário, herança da ditadura militar, que blinda gerências e diretorias, permitindo que inflijam normas, descumpram acordos e legislações, sem consequência alguma, como se estivessem acima do bem e do mal. **Diversos trabalhadores se levantaram contra isso, mas foram punidos e perseguidos**.

Tem sido assim há muito tempo. Os próprios gestores envolvidos na Lava-Jato afirmaram em suas delações que roubavam a Petrobrás desde os anos 90. **Um dos esquemas de maior repercussão e que até hoje segue impune são os contratos sem licitação assinados entre 1994 e 1997 com a Marítima para construção de plataformas**. Uma das encomendas foi a P-36, que afundou em março de 2001, matando 11 trabalhadores e cuja causa do acidente foi atribuída a um erro de projeto de construção. **Nenhum integrante do governo FHC ou qualquer executivo da empresa foi responsabilizado**.

Pedro Parente, que hoje se auto intitula salvador da Petrobrás, é remanescente desse período e carrega em sua ficha participações em prejuízos bilionários que a companhia sofreu na administração tucana. Ministro do apagão, ele determinou que a estatal fosse utilizada para financiar o programa de geração de energia térmica, um grande fiasco, que sangrou os cofres da empresa por anos a fio.

Os especialistas estimam que mais de R\$ 1 bilhão foram gastos só para cobrir os contratos com as termelétricas, onde a Petrobrás foi obrigada durante anos a garantir rentabilidade mínima aos investidores privados, mesmo em caso de prejuízo. **Outro escândalo dessa época foi o Gasbol. Pelo menos R\$ 1 bilhão saíram do caixa da empresa para bancar o fornecimento e transporte de dezenas de milhões de metros cúbicos diários de gás da Bolívia, que jamais foram utilizados**.

A troca de ativos com a Repsol/YPF foi outro rombo nas contas da Petrobrás que tem o dedo de Pedro Parente. Ele ocupava a presidência do CA, quando autorizou a empresa a entregar à multinacional US\$ 3 bilhões em ativos, inclusive 30% da Refap, e receber em troca US\$ 750 milhões. **Ou seja, amargou US\$ 2,3 bilhões de prejuízo**.

É, no mínimo, **desonesto ele agora querer atribuir a crise da Petrobrás aos crimes de corrupção**, como se nenhuma outra petrolífera no mundo passasse pelos mesmos problemas financeiros em função da queda vertiginosa dos preços do petróleo. Seu objetivo, todos nós sabemos, é justificar o desmonte da companhia e continuar entregando o patrimônio público, **como fez há pouco com Carcará, campo do Pré-Sal que foi vendido por um terço do valor**, e vai fazer também com a NTS, a maior malha de gasodutos do país, que está prestes a tornar-se monopólio de investidores estrangeiros.

Roubalheira das grandes, que Pedro Parente tenta dar legitimidade. Assim como o golpe.

No ritmo acelerado em que as privatizações acontecem, não serão necessários nem cinco anos para ele salvar a companhia, como afirmou pretensiosamente ao Estadão. **Do jeito que as coisas vão, em cinco anos a Petrobrás já terá virado pó**.